

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 e 15 de Março de 2023

KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

WU LIN LONG HU DOU / THE BRAVEST REVENGE / 1970

Um filme de Lung Chien

Argumento: Tien Ka / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor, formato 2:35): Yao-Hu Chiu / *Mestres de artes marciais:* Pan Chuan-ling, Wang Chun-hai / *Cenários:* Chen Shang-lin / *Figurinos:* Chu Te-chen / *Música:* não indicado no genérico / *Montagem:* não indicado no genérico / *Som:* Wang Jung-fang / *Interpretação:* Lingfeng Shangguan (*Shu-Fang-yi*), Chung-Shan Wan (*Yi-Feng*), Han Hsien (*Fei*), Pao-Liang Chen (*Chi-halung*), Peng Tien (*Tsai Ying-Chieh*), Yuan Yi (*Chao Mu-tien*), Hsiang-Ting Ko (*o mestre de Yi Feng*), Chi-Ma (*o mestre Shi Yu-lung*) e outros.

Produção: L. S. Chang para a Union Film Company (Taipé) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia mundial:* Taipé, 1970, em dia e mês não identificados / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Lung Chien (1916-75) estreou-se na realização em 1963 e **Wu Lin Long Hu Dou/The Bravest Revenge** é nada menos do que o seu décimo-oitavo filme. Isto deve explicar, pelo menos em parte (afinal, há realizadores que por mais que filmem nunca aprendem a fazê-lo bem) a extraordinária destreza do seu trabalho de *mise-en-scène* nesta espécie de obra-prima de género: um legítimo filme de artes marciais, em que os combates estão presentes em quase toda a narrativa, sem as pretensões metafísicas, a inércia narrativa e os excessos decorativos de um filme como **Legend of the Mountain/Shang Zhong Zhian Qi**, de King Hu. **Wu Lin Long Hu Dou/The Bravest Revenge** é um filme em estilo direto, sem nada de contemplativo, muito pelo contrário, tudo nele está em movimento perpétuo, tanto no que refere os personagens, sempre em deslocação ou em luta, quanto no que refere a trama narrativa, que consiste num périplo, com uma sucessão de embates e combates. Em vez de um genérico seguido por uma voz *off* misteriosa que finge convencer o espectador que vai assistir a uma fábula antiquíssima, o filme de Lung-Chien começa com um pré-genérico no qual vemos de imediato uma cena de combate (o realizador vai direto ao assunto) e estabelece os elementos básicos da narrativa: a morte de um velho lutador por um bandido, diante dos seus quatro filhos (numa ideia extraordinária, vemos o ponto de vista do morto, se a expressão é aceitável: uma *contre-plongée* absoluta sobre os quatro filhos do homem debruçados sobre o seu corpo), o que acarreta a ideia de vingança, que é um tema central no cinema de artes marciais. Num achado de efeito fulminante, Lung Chien divide a tela em quatro retângulos de dimensão idêntica, cada qual para um dos quatro irmãos, porém contrariamente ao que este *split screen* pode fazer supor, os quatro não agem separadamente, são um grupo unido que só a morte poderá separar.

A necessidade que têm a filha e os três filhos do homem morto de estarem à altura do combate vingativo contra o terrível espadachim que matou o pai deles acarreta outro tema clássico do cinema de artes marciais: o da aprendizagem, não da “sabedoria” com um velho mestre em algum mosteiro isolado e sim a aprendizagem, por um período de cinco anos, das técnicas de combate, o que dá ensejo à primeira das muitas magníficas lutas coreografadas do filme. Neste domínio, a organização de **Wu Lin Long Hu Dou/The Bravest Revenge** é absolutamente perfeita: há pequenos embates, outros com maior número de participantes, autênticas batalhas, algumas das quais parecem chegar ao fim antes de recomeçarem subitamente. O ritmo geral e a noção de proporção são impecáveis. A imaginação visual e o domínio do realizador no que refere o uso zoom, os diferentes ângulos de câmara e o jogo com a escala de planos (grande plano, plano

geral, etc.) através de bruscos cortes, são simplesmente extraordinários. Nos combates, em que os quatro irmãos estão sempre de branco, para se distinguirem facilmente dos seus inimigos, que usam sempre cores escuras, nada parece idêntico ao combate anterior ou ao posterior. **Wu Lin Long Hu Dou/The Bravest Revenge** é verdadeiramente um filme de espadachins: os corpos por assim dizer não se tocam, são atravessados por ferros. Note-se numa das sequências, no auge de uma violenta batalha, a súbita e brevíssima troca de olhares entre os dois futuros amantes, através de uma figura de estilo absolutamente insólita: um campo-contracampo em grande plano, com dois zooms. Lung Chien e os seus colaboradores dominam como poucos, nas cenas de combate, o jogo permanente entre o horizontal e o vertical, isto é, entre o movimento daqueles que combatem e os súbitos saltos vertiginosos de alguns combatentes, que são uma das “assinaturas” do cinema de artes marciais. Estes saltos não obrigam apenas a pequenas proezas no *plateau* de rodagem (trampolins, polias), mas também na montagem, para que tudo se encadeie perfeitamente, para que um movimento brusco se encaixe (em termos técnicos: faça *raccord*) no plano seguinte. Por isso, como observaram Olivier Assayas e Charles Tesson num texto de 1984, o *raccord* no movimento é “*um conceito teórico de base*” no cinema de artes marciais: “*Se houvesse muito movimento e poucos «raccords» não haveria cinema de artes marciais. Entre um gesto e um golpe há movimento, há muito pouco tempo e há vários planos. Daí os «raccords», os movimentos que se encadeiam visualmente no movimento precedente*”, o que resulta na “*ilusão de único gesto ligado a diversos movimentos filmados em tempos e lugares diferentes*”

A linha narrativa, ténue e clara, como costuma ser o caso neste género, é levada adiante pela sucessão de combates: a narrativa consiste nas lutas e a habilidade de Lung Chien e dos seus coreógrafos de combate consiste em multiplicar as lutas e saltos mirabolantes, sem que o filme nunca seja repetitivo (Lung Chien sabe prolongar a narrativa sem fazê-la perder o nexo e as proporções adequadas) e sem que nunca se perca de vista o objetivo destas lutas: a vingança. A narrativa é dividida em três partes, à maneira clássica: depois de cerca de quarenta minutos de deslocações e lutas constantes, há uma mudança de tom e um passagem plácida de cerca de vinte minutos, em que se vai buscar uma espada mágica. Esta está em poder de um velho mestre, isolado numa gruta mágica nas montanhas, mas mesmo nesta passagem Lung Chien recusa um tom hierático, solene, pomposo que outro realizador talvez tivesse escolhido. Este intermédio desprovido de combates é uma maneira simples de deixar que o espectador tome fôlego antes da extraordinária sucessão de lutas finais, com diversas etapas e passagens de obstáculos (círculo do veneno, círculo do fogo), antes do combate final no último reduto. Em outra ideia original e inteligente, os heróis não são invencíveis e os três homens da irmandade morrem ao longo dos combates. Esta é uma maneira simples e hábil de selar a união entre a Shi Fang-yi e Tsai Ying-chieh que vão a cavalo rumo ao horizonte, como no desenlace de um *western*, embora o plano final mostre o mar, fazendo *raccord* com o genérico numa espécie de ponto final poético.

Antonio Rodrigues